



## A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA NA CRÔNICA PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES, DE ADEMIR PEDROSA

Data de recebimento: 15/05/2017

Aceite: 21/06/2017

Willian Gonçalves da COSTA (UNIFAP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentaremos, inicialmente, a relação existente entre homem e natureza a partir dos últimos anos, mostrando as representações sociais desta e do meio ambiente na literatura, revelando-se um conteúdo que passa a ser transmitido de pessoa a pessoa, e que é delineado a partir de conjunturas econômicas, sociais, políticas e, principalmente, culturais. As discussões trazidas por Moscovici (2000) fazem-se pertinentes, uma vez que definem as representações como sendo um sistema de valores, ideias e práticas, cuja função precípua é estabelecer uma ordem que vai permitir às pessoas a orientação em seu mundo material e social, além de tornar possível a comunicação entre os indivíduos que constituem uma comunidade. Com isso, a partir de um segundo momento do artigo, far-se-á uma análise da crônica de Ademir Pedrosa “*Pra não dizer que não falei das flores*”, que traz a ideia da beleza visual que as flores podem proporcionar a uma cidade, trazendo a importância da natureza, porém a obra argumenta sobre a relação do homem como a figura que deveria fazer a preservação para que essa vegetação pudesse sobreviver ao clima excessivamente tropical da cidade de Macapá, ou seja, não adiantaria plantar e não ter o cuidado necessário, pois as flores não resistiriam ao clima amapaense.

**Palavras-chave:** Homem. Natureza. Representações sociais. Literatura.

**Abstract:** This article we will present, initially, the relationship between man and nature from the last years, showing the social representations of this one and the environment in the literature, revealing a content that happens to be transmitted from person to person, and that is drawn from economic, social, political and, mainly, cultural conjunctures. The discussions brought by Moscovici (2000) are pertinent, since they define representations as being a system of values, ideas and practices, whose primary function is to establish an order that will allow people to be guided in their material and social world, in addition to making possible the communication between the individuals that constitute a community. With this, from a second moment of the article, there will be an analysis of the chronicle of Ademir Pedrosa "For not to say that I did not speak of the flowers", that brings the idea of the visual beauty that the flowers can give to a city, bringing the importance of nature, but the work argues about the relationship of man as the figure that should do the preservation so that this vegetation could survive the excessively tropical climate of the city of Macapá, ie, it would not be good to plant and not take care flowers would not withstand the climate of Amapá.

**Key words:** man. Nature. social representations. literature.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Monitor de escrita acadêmica do Programa Letramento Acadêmico – DEPLA/UNIFAP. Macapá-Brasil. E-mail: williancosta.doc@gmail.com



## 1. Introdução

Nos últimos anos, as pessoas vêm sendo recepcionadas por diversas informações sobre questões ambientais. No século XXI, as crianças já nascem contextualizadas, familiarizadas com expressões como “mudança climática”, “educação ambiental”, “desmatamento”, “aquecimento global” e muitos outros. Uma enorme quantidade de dados, porcentagens, preceitos e regras que beiram a manual de bons costumes e de etiquetas que tentam alertar a sociedade caso mude sua postura para com o próprio homem e o meio em que vive.

Ao identificar as representações sociais da natureza e do meio ambiente na literatura, revela-se um conteúdo que passa a ser transmitido de pessoa a pessoa, e que é delineado a partir de conjunturas econômicas, sociais, políticas e, principalmente, culturais. Moscovici (2000) define as representações como sendo um sistema de valores, ideias e práticas, cuja função precípua é estabelecer uma ordem que vai permitir às pessoas a orientação em seu mundo material e social, além de tornar possível a comunicação entre os indivíduos que constituem uma comunidade, a partir do momento em que criam um código para nomear e classificar, com objetividade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Chegam-se ao ponto que as representações sociais são potenciais influenciadores e a literatura, por sua vez, é um veículo de divulgação de ideias, ou seja, dessas influências das representações, pode-se deduzir o peso que as histórias têm na vida das pessoas, não apenas como entretenimento, mas como reprodutora de conceitos e valores de determinados grupos sociais, que se unem em torno de ideias comuns e que lhes são peculiares. Logo, ao se depararem com objetos ou imagens com que não se está familiarizado, não tendo, por conseguinte, ideia prévia sobre eles, não se consegue interpretar de modo significativo. Rodrigues (2007, p. 69), ao discutir os significados denotativo e conotativo das imagens, menciona que muitas delas não são assimiladas por determinadas culturas pelo fato de estas não possuírem conhecimentos cognitivos adequados para entendê-las.

É comum que as sociedades criem uma determinada ideia do que seja a natureza e transmita-a por meio de sua cultura – atitudes, canções, livros; enfim, as mais variadas formas de expressão humana. Além disso, é do conhecimento das pessoas, pois, que o conceito de natureza varia de acordo com alguns aspectos, como, por exemplo, o lugar onde se vive, o como se vive e o quando se vive. Desse modo, nota-se uma diversidade de práticas e costumes entre as populações do mundo todo. Uma tribo indígena da Amazônia certamente verá a natureza



com olhos distintos do de um corretor de imóveis cujo escritório encontra-se em um grande centro urbano. Da mesma forma que o habitante da Cidade do México, onde o índice de poluição do ar é um dos mais elevados do Planeta, percebe a natureza de maneira bastante distinta da que um esquimó, que vive na neve.

Se fosse buscar nos relatos literários, desde o Quinhentismo, por exemplo, fase áurea da literatura de informação, poder-se-á perceber a descrição de paisagens, a natureza em comparação ao sentimento humano. O escrivão Pero Vaz de Caminha, em sua famosa Carta ao Rei D. Manuel, noticia ao Velho Mundo as paisagens e os habitantes da *terra nova*, a Terra de Santa Cruz. Entre elogios à biodiversidade e à pureza dos indígenas, deixa transparecer a ideologia mercantilista, espelho da mentalidade colonizadora da época (Bosi, 1994), evidenciando a preocupação em achar ouro, prata e pedras preciosas, como acontecera nas demais colonizações da América:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! (Pero Vaz de Caminha apud Bosi, 1994).

A imagem da natureza exaltada do Brasil vai perdurar por muito tempo, principalmente nas manifestações literárias seguintes. O sentimento de valorização das belezas naturais brasileiras vai aparecer no Romantismo, sobretudo na primeira geração, a indianista, cujos escritores de maior relevo foram, na poesia, Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, e, na prosa, José de Alencar.

No decorrer da história da humanidade, pode-se ver esse dualismo. O homem, ora se considera parte do meio natural, ora se coloca como dominador e superior à natureza. Quando, por exemplo, sai do campo (ambiente natural) para a cidade (ambiente artificial), ele perde a qualidade de vida (poluição, alto custo de vida, trânsito, desemprego), mas ganha em facilidades do mundo moderno (lojas, automóveis, cinema). Quando experimenta o progresso, deixa, muitas vezes, de participar da simplicidade e da gratuidade da vida campesina.



Um dos maiores conflitos do homem, com certeza, seja esse, desde o início dos tempos: fazer o retorno ao meio natural e sentir-se a ele pertencente ou observar, de fora, o ambiente natural, como se este fosse matéria-prima rentável para a manutenção do mundo tecnológico e do conforto artificial. O equilíbrio desses dois mundos é o desafio também do momento que a sociedade vive, e permanecerá sendo nos próximos anos, certamente até quando durar a existência humana.

Em vista disso, em primeiro momento, situaremos o presente trabalho em uma pequena contextualização da literatura amapaense, o que tornou a pesquisa um pouco difícil, devido à escassez historiográfica das épocas literárias amapaense. A partir de um segundo momento do artigo, far-se-á uma análise da crônica de Ademir Pedrosa “*Pra não dizer que não falei das flores*”, que traz a ideia da beleza visual que as flores podem proporcionar a uma cidade, trazendo a importância da natureza e suas representações sociais desta e do meio ambiente, porém a obra argumenta sobre a relação do homem como a figura que deveria fazer a preservação para que essa vegetação pudesse sobreviver ao clima excessivamente tropical da cidade de Macapá, ou seja, não adiantaria plantar e não ter o cuidado necessário, pois as flores não resistiriam ao clima amapaense.

## 2. A literatura amapaense

O marco inicial da Literatura Amapaense foi com o surgimento do jornal “Pizônia” em 1895, segundo o professor Paulo Tarso em uma entrevista concedida a acadêmicos para uma monografia. O professor fala que ainda podemos encontrar alguns exemplares, deste jornal, na biblioteca pública Elcy Lacerda no centro de Macapá. Depois disso, Paulo menciona os livros, ainda como marco, do viajante Alfredo Gonsalves, português que viajava nas terras amapaenses. Depois, o livro “Amapá” de Manuel Buarque e a antologia “Modernos Poetas do Amapá” em 1960, o começo da Literatura Amapaense, segundo o professor Paulo (ALBANICE; ALESSANDRO, 2012).

Ainda na monografia “*A Literatura Amapaense em sala de aula: uma proposta pedagógica para alunos do 6º ano da Escola Estadual Predicanda Carneiro Amorim Lopes*” o professor menciona grandes nomes da nossa literatura como Aluisio da Cunha, Artur Nery Marinho, Alcy Araújo, Ivo Torres e Álvaro da Cunha. Este último autor, podemos falar com toda autoridade, é o maior representante da Literatura Amapaense. Ele se consagra assim pela publicação de seu livro “Amapacanto”, pois este livro descreve poeticamente as peculiaridades



de uma terra adotada por este poeta e sua natureza. De forma magistral, singela e rica em versos, Álvaro da Cunha põe sua visão do Amapá numa estética engenhosamente elaborada. Logo, assim, falar em Literatura Amapaense terá, pelo menos, que citar Álvaro da Cunha.

Prosseguindo na monografia, podemos extrair a consolidação da Literatura Amapaense na década de 90, época em que houve o “boom” de autores tucujus em vários seguimentos da literatura, como festivais, antologias e grupos de poetas (ALBANICE; ALESSANDRO, 2012). Devido a esses autores e os precursores de nossa literatura, iniciou-se, assim, a Associação dos Autores Amapaenses, fundada em 1989 por Rui Lobato e Jaci Jansen. O interessante de mencionar isso é que, como leitores de nossos autores, percebemos uma pluralidade cultural na nossa literatura como influências herdadas de outras regiões, ou seja, a nossa cultura é miscigenada pela cultura indígena, européia e negra, devido sua história de colonização. Assim herdamos essas características e criamos nossa própria literatura em que esses elementos passam a serem instrumentos para a poesia, para a prosa, onde esses elementos passam a ser como cenário, dramas e inspirações para a nossa produção literária.

Para exemplificar essas informações, temos o Rio Amazonas, a floresta amazônica, as festas e tradições que inspiraram grandes obras de nossa literatura como o “Amapacanto”, de Álvaro da Cunha; “O balsamo e outros contos insanos”, de Fernando Canto; “Abilash”, de Lulih Rojanski; entre outros. Obras que retratam o cenário amazônico, as festas, os mistérios de nossas regiões e a cultura de nosso povo.

Em conversa com amigos escritores e em visita a biblioteca pública Elcy Lacerda, percebemos, além desses escritores mencionados, um número considerável de escritores amapaenses, dentre esses escritores há os mais conhecidos e mencionados. Ressaltamos assim, também, que os autores de grande importância e marco da nossa literatura são classificados de forma didática nas aulas do professor Manoel Azevedo, professor de Literatura Amapaense na Universidade Federal do Amapá. Ele traz, desta forma, desde o período territorial, traçando as características de cada período como o romantismo e, acima de tudo, o regionalismo. Chegando, desta maneira, até aos nossos dias, a contemporaneidade. É de onde destacaremos a breve análise da crônica “*Pra não dizer que não falei das flores*” de nosso escritor Ademir Pedrosa.

### 3. Análise da crônica

A crônica “*Pra não dizer que não falei das flores*” estabelece um traço entre a sociedade e natureza, mostrando a diversidade cultural que existe entre as cidades de Curitiba e Macapá



quanto à preservação paisagística encontradas nas cidades, fazendo com que o embelezamento natural seja essencial para que se possa ter um local agradável de viver. O autor também vem mostrando a ideia do homem e da natureza, enfatizando a importância da preservação de certas vegetações para que estas consigam sobreviver por mais tempo.

### **Pra não dizer que não falei das flores**

Crônica de Ademir Pedrosa.

*A ideia de plantar flores nas ruas é poética. Plantar flores para florir e perfumar as ruas de nossa hileia tropical me enche de romantismo, e é bem capaz de me fazer nascer uma flor na lapela e uma namorada no braço. Já me vejo passear liricamente de mãos dadas por entres canteiros de alamedas, ruas e avenidas de Macapá, com uma imensa begônia na lapela.*

*A ideia de plantar flores não é apenas poética, mas um exercício politicamente correto e providencial. Mas convém cuidar; regá-las sempre; podá-las de vez em quando; catar as ervas daninhas, e vez ou outra condimentar a terra do canteiro. E desse zelo que advém o vigor de vegetação nas plantas. Carinho e afeto é sempre muito bom; e é desse viço que a natureza clama. No entanto, se só plantar, elas vão malogar. Como aconteceu com os canteiros da Iracema Carvão Nunes e da Mendonça Furtado. Como malograram as da Praça da Bandeira e da Praça Floriano Peixoto. Plantaram e deixaram lá a deus-dará. Feneceu uma por uma.*

*Fui a um festival de música em Curitiba, no Paraná. Estava numa agência de viagem que ficava numa alameda cheia de canteiros de flores, e onde não passava carro, tipo Alameda Serrano. Estava nessa agência para marcar minha passagem de volta à Macapá. Quando vi, passou na frente da agência um carro de bombeiro. Estranhei, pois acabara de verificar que aquela ruela era destinada a passeio de pedestres. Saí pra ver, era um carro-pipa com um grupo de jardineiros munido de tesoura, tosquiador, regador; uma parafernália de instrumentos para cuidar caprichosamente das plantas. Aí eu pude compreender porque ali as flores são tão vivas e belas. Eles cuidam.*

*Curitiba é a cidade das flores, dado ao seu clima favorável a esse tipo de cultivo, uma espécie de Amsterdam da América Latina, onde a estação da primavera parece se prolongar indefinidamente... E eles laboriosamente cuidam de suas plantas. Aqui em Macapá, onde a intempérie, a rigor, é desfavorável a essa cultura, onde temos um sol de oitenta graus de temperatura à sombra, onde reina um bilhão de formigas de fogo e saúvas, capaz de devorar uma safra inteira de flores em Amsterdam; querem que aqui as plantas floresçam ao deus-dará? Demorou!*



*A jornalista Alcinéa Cavalcante sugeriu à população que plantasse flores em frente das suas casas. E até mostrou um pé de jasmim que a irmã plantou, e que agora perfuma a atmosfera do seu bairro. Isso deve ser uma vocação hereditária que herdou do pai, o poeta Alcy Araújo. Li, já faz algum tempo, um de seus poemas que fala de chuva de um crepúsculo vespertino, e até hoje esse fragmento está impregnado de perfume em minha memória:*

*Lavada*

*gotejante minha roseira*

*espiou pela janela: deu*

*de cara comigo.*

### **3.1. Aspecto cultural**

A construção dessa crônica se deve ao fato de uma viagem feita por Ademir Pedrosa ao sul do Brasil, precisamente para cidade de Curitiba, quando o escritor se depara com os cuidados que os curitibanos têm com suas flores, deixando ruas, alamedas, avenidas da cidade com um aspecto mais alegre e bonito. Isso se deve ao fato de uma característica regional e cultural presente naquela cidade que não se observa em Macapá, é essa falta no cultivo de flores é o que chama a atenção de Ademir, fazendo um comparativo entre as cidades.

Curitiba é uma cidade tradicionalmente sustentável e famosa por ser uma cidade brasileira com maior índice de área verde por habitante. Essa cultura de preservação vem desde os tempos coloniais, devido a influências de imigrantes europeus presentes nos campos da cidade que influenciaram os hábitos e a cultura local, tornando-se uma importante região agrícola, sendo que a maior parte da população de Curitiba descende desses imigrantes. Enquanto que cidade de Macapá não teve essa influência agrícola, pois o solo da cidade não é tão fértil quando no sul e por ser uma cidade litorânea e rica em minérios sempre foi vítima dos olhares de pessoas de fora, necessitando de defesa, pois a cidade era localizada em um ponto estratégico e bom para navegação.

Na cidade de Curitiba é possível se encantar com os parques e praças bem cuidados, aspecto cultural que merece ser parabenizado, e com a proximidade da primavera a explosão do colorido das flores encanta turistas do mundo todo e deixa a cidade ainda mais bonita, essa estação do ano não é possível ocorrer em Macapá, daí não poder se deparar com tantas flores, pois o clima é equatorial, ou seja, necessitaria de um cuidado especial que, infelizmente, muitos não têm. Na cidade paranaense há diversos pontos turísticos no trajeto diário da população, as



flores tornam a paisagem urbana mais amena, com mudas de flores coloridas e variadas. Porém Macapá tem seu ponto positivo, pois ainda é possível de se ver árvores espalhadas ao longo da cidade, áreas verdes que em muitas outras cidades não se ver mais, sendo que a capital amapaense está no estado com a floresta mais preservada do país, localizada no meio do mundo, onde se é possível ficar entre os dois hemisférios, além da costa da cidade banhada pelo rio Amazonas, podendo ser apreciado na orla da cidade.

O autor fala da Jornalista e escritora Alcinéia Cavalcante que incentiva a população a plantar flores em frente de suas casas, pois a irmã conseguiu tal feito, deixando uma ideia de querer fazer e de cuidado com a preservação, talvez Ademir tenha tirado essa ideia de Curitiba, pois as flores curitibanas são cultivadas em viveiros próprios no Horto Municipal. Todo esse cultivo deu a cidade o prêmio “*Globe Award Sustainable City*”, a cidade mais sustentável do mundo, avaliando itens como preservação de recursos naturais, bem-estar e relação social nas cidades, inteligência e inovação nos projetos e programas, cultura e lazer, transporte, confiança no setor público e gerenciamento financeiro e patrimonial. Mas os curitibanos tiveram toda uma história que fizeram chegar onde estão não sendo possível implantar isso de uma hora para outra, mas através de um processo gradativo. Claro que se deve tirar muito dessa cidade como exemplo de organização e preservação, mas não se deve desprezar a cultura e as riquezas presentes também em Macapá, pois existe a diversidade entre as culturas e o vislumbre que Ademir Pedrosa teve deles, eles também podem ter da cidade do extremo norte.

### 3.2. Relação homem-natureza na obra

O Romantismo da primeira geração ficou conhecido pelo fato da relação do homem com a natureza, enfatizada nas poesias de Gonçalves Dias, demonstrando seu amor e admiração pela sua pátria e pela natureza presente no Brasil, essa contemplação pela natureza veio diminuindo com o inchamento urbano e o gradativo desaparecimento do verde natural, porém ainda há aqueles que se preocupam com a natureza e desejam que ela seja cuidada, pois ainda é uma excelente opção de decoração de um espaço físico. É o que esta crônica vem tratando, sobre a importância do cultivo de flores como elemento importante de embelezamento, agradabilidade, aromatização de uma cidade, mas que requer cuidado e manejo adequado pelo homem.



Ademir Pedrosa traz na obra a ideia de que os produtos naturais, especificamente as flores, são uteis como forma de decoração paisagística, pois alimenta o ideal poético e romântico de uma cidade, deixando um clima agradável para passeio e namoro. Porém, para que isso ocorra de maneira que se torne constante ou até permanente, é preciso tomar a iniciativa de plantar, regar e podar para que cresçam saudáveis e permaneçam por muito tempo, perfumando as ruas, praças e avenidas da cidade. Segundo Ademir, o cultivo de flores é uma demonstração de amor pela natureza, além de ser politicamente correto mostrar esse respeito, mas que requer cuidado para que essas flores não feneçam como aconteceu outrora em alguns pontos da cidade de Macapá: *“A ideia de plantar flores não é apenas poética, mas um exercício politicamente correto e providencial. Mas convém cuidar; regá-las sempre; podá-las(...)No entanto, se só plantar, elas vão malograr. Como aconteceu com os canteiros da Iracema Carvão Nunes e da Mendonça Furtado. Como malograram as da Praça da Bandeira e da Praça Floriano Peixoto. Plantaram e deixaram lá a deus-dará. Feneceu uma por uma”*.

Desse modo, o autor traz a cidade de Curitiba como um exemplo de respeito e dedicação com as flores, mostrando o cuidado que eles têm por elas, afirmando o quão importante é essa vegetação, pois a cidade é um exemplo turístico de admiração por suas flores. Sendo que a cidade possui um clima favorável para isso, enquanto que Macapá, com seu calor intenso e solo hostil, precisa de um cuidado redobrado para que essas pequenas plantas sobrevivam, ou seja, o homem tem a missão de intervir para que o calor não vença essa batalha, necessitando lutar contra a natureza para que a própria natureza seja apreciada: *“Aí eu pude compreender porque ali as flores são tão vivas e belas. Eles cuidam(...)dado ao seu clima favorável a esse tipo de cultivo, uma espécie de Amsterdam da América Latina, onde a estação da primavera parece se prolongar indefinidamente(...)Aqui em Macapá, onde a intempérie, a rigor, é desfavorável a essa cultura, onde temos um sol de oitenta graus de temperatura à sombra, onde reina um bilhão de formigas de fogo e saúvas, capaz de devorar uma safra inteira de flores em Amsterdam; querem que aqui as plantas floresçam ao deus-dará? Demorou!”*. As flores, além do seu ar poético e romântico, deixam um aroma que perfuma toda a atmosfera de uma rua, bairro, cidade.

#### 4. Considerações finais

Vimos até aqui que a Literatura identifica as mazelas sociais, mostra e representa, também, a natureza e o meio ambiente. Transmitindo, desta forma, preceitos a serem pregados no seio



social a partir de situações culturais e políticas. A literatura cria as práticas e sistemas de valores para fim de estabelecer uma ordem para que a sociedade se oriente nas possíveis comunicações.

É nestas comunicações que o homem estabelece os vários aspectos da história individual e social, tornando, assim, viva a sua cultura. Isso não passa a ser diferente no texto de Ademir pedrosa, que usa aspectos culturais diferentes com o propósito de conscientizar e alertar sua população a uma preservação essencial para o seu ambiente.

Entendemos desta maneira, que a Literatura é uma grande aliada e um veículo de divulgação de ideias e de influências. A literatura não serve apenas como entretenimento, mas, também, como reprodutora de conceitos e valores.

## 5. REFERÊNCIAS

### Livros

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

MOISÉS, Massaud. A criação Literária. 16ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1983 – 1989.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

### Artigos

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=990413>. Acessado no dia 05/01/2015

[http://www.revistamundoeco.com.br/mundoeco-curitiba\\_cidade\\_das\\_flores.html](http://www.revistamundoeco.com.br/mundoeco-curitiba_cidade_das_flores.html) Acessado no dia 05/01/2015

NASCIMENTO, Albanice dos Santos; PANTOJA, Alessandro Gemaque. A Literatura Amapaense em sala de aula: uma proposta pedagógica para alunos do 6º ano da escola estadual predicanda carneiro amorim Lopes. Macapá: IESAP, 2012.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. In: Ciência da Informação, v. 36, n. 3, p. 67-76, set - dez. 2007.